



III Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas

L U S O C O N F
2021

LIVRO DE ATAS

Proceedings

Editores:

Carlos Teixeira
Vitor Gonçalves
Paula Odete Fernandes
Carla Sofia Araújo

Instituto Politécnico de Bragança
setembro de 2022

Ficha Técnica

Título

LUSOCONF2021
III Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas

Editores

Carlos Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança
Vitor Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança
Paula Odete Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança
Carla Sofia Araújo	Instituto Politécnico de Bragança

Capa

António Meireles e Vitor Gonçalves

Edição

Instituto Politécnico de Bragança
Campus de Santa Apolónia
5300-253 Bragança
Portugal

Data de edição: setembro de 2022

ISBN: 978-972-745-295-8

DOI: 10.34620/lusoconf.2021

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/25130>

URL: www.lusoconf.ipb.pt

Email: lusoconf@ipb.pt

Moors and Christians: from the reconquered Iberia to the christianisation of the new world.....	313
O olhar nostálgico do (não) Retorno, de Dulce Maria Cardoso	321
The nostalgic look of the (non) Return, by Dulce Maria Cardoso	321
Recursos didáticos na aprendizagem do conhecimento do mundo	328
Didactic resources in learning of the world knowledge.....	328
A cidadania está na escola!.....	339
Citizenship is in school!.....	339
Doença de Parkinson: estudo epidemiológico de diagnósticos ativos no distrito de Bragança	351
Parkinson's disease: epidemiological study of active diagnoses in the district of Bragança	351
Análise do sistema de ensino brasileiro e português na sociedade do conhecimento	357
Analysis of the Brazilian and Portuguese education system in the knowledge society.....	357
Que farei com este texto? – a poesia no 1.º ciclo do ensino básico.....	365
What shall I do with this text? – poetry at elementary school.....	365
Que farei com estes livros? – propostas para o 1.º Ciclo do Ensino Básico.....	372
What shall I do with these books? – pedagogical proposals for elementary school.....	372
<i>Olifaque -uma farsa em emigres-</i> reflexões à volta da portugalidade.....	380
<i>Olifaque -uma farsa em emigrês-</i> reflections about portugality	380
O mundo de expressão portuguesa no Festival de Cinema de Avanca: encontro de mundos.....	387
The Portuguese-speaking world at the Avanca Film Festival: gathering of worlds	387
Redução vocálica em português europeu: Um processo em declínio?	397
Vowel reduction in European Portuguese: An evanescent process?	397

Comissão Científica

Adília da Silva Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Albert Wall	Universidade de Zurique, Suíça
Albino Bento	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Alcina Maria Nunes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Alexandra Soares Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Amélia Polónia	Universidade do Porto, Portugal
Amílcar Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Maria Brito	Universidade do Porto, Portugal
Ana Maria Martinho	Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Ana Paula Monte	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Sofia Cardim	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
António Borges Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
António Domingos Abreu	Reserva Biosfera Ilha do Príncipe, São Tomé e Príncipe
António Meireles	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Artur Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Augusto Soares da Silva	Universidade Católica Portuguesa, Portugal
Betina Lopes	Universidade de Aveiro, Portugal
Bruno Sousa	Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Portugal
Carla Araújo	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carla Guerreiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carlos Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carlos Casimiro da Costa	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Catarina Martins	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Cláudia S. Costa	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Cristina Flores	Universidade do Minho, Portugal
Cristina Martins	Universidade de Coimbra, Portugal
Cristina Mesquita	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Elsa Esteves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Emília Nogueiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Fernanda Amélia Ferreira	Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Fernando José Fraga Azevedo	Universidade do Minho, Portugal
Fernando Ramallo	Universidade de Vigo, Espanha
Francisco Paiva	Universidade da Beira Interior, Portugal
Francisco Topa	Universidade do Porto, Portugal
Graça Rio-Torto	Universidade de Coimbra, Portugal
Graça Santos	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Isabel Aires de Matos	Instituto Politécnico de Viseu, Portugal
Isabel Margarida Duarte	Universidade do Porto, Portugal
João Cunha	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
João Paulo Madeira	Universidade de Cabo Verde, Cabo Verde
João Veloso	Universidade do Porto, Portugal
Joaquim Mendes Leite	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Jorge Manuel Alves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
José António Brandão	Universidade do Minho, Portugal
José Pires Laranjeira	Universidade de Coimbra, Portugal
José Teixeira	Universidade do Minho, Portugal
Lídia Santos	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Luciana Pereira da Silva	Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Luísa Lopes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Manuel Ângelo Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Manuel Célio Conceição	Universidade do Algarve, Portugal
Manuel Fonseca	Instituto Politécnico de Viana do Castelo, Portugal
Manuel Moreira da Silva	ISCAP - Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Marcos Sorrentino	Universidade de São Paulo, Brasil
Maria Antónia Mota	Universidade de Lisboa, Portugal
Maria Augusta Mata	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Maria da Conceição Nunes	Instituto Politécnico do Porto, Portugal
Maria José Gonçalves Alves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Maria José Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Marília A. Torales Campos	Universidade Federal do Paraná, Brasil
Mário Cardoso	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Mário Viaro	Universidade de São Paulo, Brasil
Olga Santos	Instituto Politécnico de Leiria, Portugal
Otília Sousa	Instituto Politécnico de Lisboa, Portugal
Paula Odete Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Paulo Castro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Paulo Mafra	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Couceiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Manuel Nunes	Instituto Politécnico do Cávado e do Ave, Portugal
Pilar Gutiez Cuevas	Universidad Complutense de Madrid, Espanha
Ricardo Alexandre Correia	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ricardo Jorge Correia	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Rómima Laranjeira	Universidade Presbiteriana Mackenzie de São Paulo, Brasil
Rui Pereira	Universidade de Coimbra, Portugal
Sandra Tapadas	Universidade de Lisboa, Portugal
Sílvia Melo-Pfeifer	Universidade de Hamburgo, Alemanha
Sofia Bergano	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Sónia Nogueira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Vitor Barrigão Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Comissão Organizadora

Coordenação:




Carlos Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Dina Macias	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Eduardo Alves	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Fernanda Silva	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Paula Odete Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Vitor Barrigão Gonçalves	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Membros:

Adília Fernandes	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Alexandra Soares Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Amílcar Teixeira	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Ana Paula Monte	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
António Meireles	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Armindo Rodrigues	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Carla Guerreiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Carla Araújo	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Catarina Martins	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Cecília Falcão	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Fátima Martins	Câmara Municipal de Bragança, Portugal
Helena Genésio	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Isabel Castro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Jacinta Costa	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
João Pontífice	Universidade de São Tomé e Príncipe, São Tomé e Príncipe
Lídia dos Santos	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Luciana Pereira da Silva	Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil
Manuel Coelho da Silva	Fundação Jorge Álvares, Portugal
Maria José Rodrigues	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Couceiro	Instituto Politécnico de Bragança, Portugal
Pedro Oliveira	Université Jean Monnet, França

O mundo de expressão portuguesa no Festival de Cinema de Avanca: encontro de mundos

The Portuguese-speaking world at the Avanca Film Festival: gathering of worlds

António Costa Valente¹ ^[0000-0001-8089-315X], Cláudia Ferreira² ^[0000-0003-3161-3670],
Cláudia Martins^{3,4} ^[0000-0002-3388-2340]

amvalente@ualg.pt, claudia@ua.pt, claudiam@ipb.pt

¹Universidade do Algarve/CIAC-UALG, Portugal.

²Universidade de Aveiro/CLLC-UA, Portugal.

³Instituto Politécnico de Bragança, Portugal.

⁴CEAUL-GI6, Universidade de Lisboa, Portugal.

Resumo. O Festival de Cinema de Avanca festejou em 2021 o seu 25.º aniversário, uma existência resiliente, repleta de encontros, amizades, aventuras e muitos filmes. O cinema como 7.ª arte sempre se assumiu como um espaço e tempo de encontro(s), baseado na ideia de que a imagem em movimento era entendida como uma linguagem comum, o que alguns autores designam como esperanto visual (e.g. Brant, 1984 cit. Gottlieb, 2008; Detwieler, 2007). Durante os seus 25 festivais, o Avanca viajou por todo o mundo, mas entre estas viagens pretendemos incidir sobre o mundo de expressão portuguesa, a língua que ainda nos une a África, América do Sul e Ásia. A partir destas viagens, o Avanca começou a desenhar uma trajetória de coprodução de filmes, especialmente de documentários, em que os falantes de português dos quatro continentes se muniam de um passado comum e escreviam histórias sobre o presente e eventualmente o futuro. São exemplo desta convergência os documentários: “Sobre sonhos e liberdade” (Francisco Colombo e Marcia Paraiso, 2020); “Pretu Funguli” (Costa Valente e Monica Musoni, 2019); “Sonho longínquo no Equador” (Hamilton Trindade, 2017). Com base numa breve caracterização destes filmes, temos por objetivo refletir sobre a unidade, diversidade e identidade das nossas línguas, histórias e culturas que o cinema permitiu congregar no espaço-tempo de Avanca, freguesia de Estarreja, Aveiro, representado como epicentro de encontros multiculturais. Três documentários que permitem refletir sobre a forma como estes podem contribuir para a unidade diversa e multicultural que subjaz ao mundo de expressão portuguesa.

Palavras-Chave: cinema, filmes documentários, Festival de Cinema de Avanca, mundo de expressão portuguesa, multiculturalidade.

Abstract. The Avanca Film Festival celebrated its 25th anniversary in 2021, a life defined as resilient, full of gatherings, friendships, adventures and many films. Cinema as the 7th art has always come forward as a space and time for gathering(s), based on the idea that the moving image is understood as a common language, which some authors have named a visual Esperanto (e.g. Brant, 1984 cit. Gottlieb, 2008; Detwieler, 2007). Throughout its 25 festivals, the Avanca has travelled around the world, but among these journeys we aim to focus on the Portuguese-speaking world, the language that still unites us to Africa, South

America and Asia. From these journeys, the Avanca designed a coproduction approach, particularly of documentary films, where Portuguese speakers from the 4 continents would make use of their common past and write stories about their present and eventually future. Examples of these crossroads are the documentaries “On dreams and freedom” (Francisco Colombo and Márcia Paraíso, 2020), “Pretu Funguli” (Costa Valente and Monica Musoni, 2019) and “Distant dream in the Equator” (Hamilton Trindade, 2017). Following a brief characterisation of these films, we intend to reflect upon the unity, diversity and identity of our languages, histories and cultures that cinema has allowed to amass in the space-time of Avanca, Estarreja, Aveiro, representative of the epicentre of multicultural gatherings. Three documentaries that allow us to reflect on how they can contribute to the diverse and multicultural unity that underlies the Portuguese-speaking world.

Keywords: cinema, documentary films, Avanca Film Festival, Portuguese-speaking world, multiculturalism.

1 Introdução

Nascido em 1997, o “AVANCA – Encontros Internacionais de Cinema, Televisão, Vídeo e Multimédia” tem acontecido ininterruptamente ao longo destes últimos vinte e cinco anos, sempre nas derradeiras semanas de julho e sempre em Avanca. Este festival surgiu claramente marcado com a intenção da complementaridade, da perceção da atualidade e da construção de um espaço onde o “cinema” é mote para a construção de 10 dias de um inevitável grande “jogo”.

É neste contexto que pretendemos abordar e refletir sobre a unidade, diversidade e identidade das línguas, histórias e culturas que o cinema permitiu congregar no espaço-tempo de Avanca, freguesia de Estarreja, Aveiro, representado como epicentro de encontros multiculturais. Este objetivo será materializado com base na caracterização de três documentários que resultaram da coprodução entre Portugal e outros países de expressão portuguesa, mas de culturas distintas, provenientes da América do Sul, de África e da Ásia. Um outro ponto em comum reside no facto de estes filmes terem ‘nascido’ dos “workshops” que têm sido uma constante na vida do AVANCA.

Este artigo vai, assim, estruturar-se em três pontos fundamentais: uma panorâmica histórica do festival, onde apresentamos os aspetos fulcrais no desenvolvimento do AVANCA, à qual se segue uma caracterização dos “workshops” e a sua pertinência para os documentários em análise. Por fim, dedicamos o ponto 4 a uma abordagem mais aprofundada dos filmes que integra não só a visão da organização do festival face aos mesmos, mas essencialmente a perspetiva e motivação dos realizadores.

2 Uma panorâmica histórica do AVANCA

O AVANCA desenhou-se numa perspetiva de construção diversa e entrincheirada nas condições locais. A dinâmica muito própria do Cine-Clube de Avanca (CCA) esteve naturalmente na génese das escolhas que foi necessário definir e assumir no desenho do Festival. Com cerca de quatro décadas de intensa atividade, o CCA teve sempre um forte pendor ativo nas componentes de formação e produção que se complementam em toda a atividade de exibição.

O festival AVANCA construiu-se de forma muito natural entre estes dois grandes blocos: a competição de filmes e o espaço dos “workshops” que, com o tempo, resultou na produção de

novos projetos e filmes. Pelo AVANCA passam longas e curtas-metragens de ficção, animação, documentários e obras experimentais e multimédia.

Propositadamente, este não é um festival de “nicho”, não se revê entre os temáticos e os especializados. No AVANCA, a razão para exibir um filme é porque o júri de seleção considerou que a obra tem qualidade, pertinência e fulgor criativo. Como resultado, variadíssimos filmes exibidos ou premiados em Avanca têm tido brilhantes carreiras internacionais em festivais e na exibição comercial.

Em 2009, o festival lançou a experiência e, em 2010, avançou com o Prémio Estreia Mundial, iniciando um percurso inovador e reafirmante da personalidade do evento.

A competição Estreia Mundial é única no nosso país e só foi possível porque Avanca passou a ser um ponto de passagem de autores e filmes inéditos com grande qualidade, tornando-se no festival português com a maior percentagem de filmes mundialmente inéditos que aqui encontram a sua primeira exibição.

Em 2010, candidataram-se ao Prémio e foram selecionados 30 filmes, dos quais 5 longas-metragens e, em 2019, foram selecionados 36 filmes em estreia mundial. Alguns destes filmes transformaram-se em presenças obrigatórias de festivais de todo o mundo. Um cinema de estreia, mas sobretudo uma preocupação pelo cinema de qualidade.

A competição Avanca iniciou-se com 5 curtas-metragens e hoje reúne cerca de 30 filmes, objeto de uma pré-seleção. A “[s]ua consolidação levou à instauração da mostra competitiva, em 2000, na quarta edição do Festival, com vistas a abrir espaços para jovens realizadores e produtores da região” (Martins et al., 2017, p. 851).

Foi sobretudo após o festival de 2007 que a competição Avanca começou a ter um significativo número de filmes portugueses inscritos e selecionados. Foram exibidas duas longas-metragens produzidas na região, o que parece espelhar a dinâmica que o festival tem imprimido junto dos novos talentos. Em 2020, foram três longas-metragens nesta competição. Estes filmes são obras de produção ou autoria da região à volta de Avanca e a competição parece estar a transformar-se numa montra preferencial deste cinema de proximidade.

Aglutinador e motivador de uma produção crescente, esta competição cresce ano após ano e perfaz um caminho novo na dinâmica da produção/divulgação do cinema português. Relevante sem paralelo para o cinema desta região, o AVANCA confirma e fortalece o relevo criado ao longo dos anos no contexto do cinema português.

Entre a Competição Avanca, os filmes portugueses em estreia na competição internacional e o “Panorama do Cinema Português”, um forte conjunto de exibição fílmica participa ativamente neste processo de constante construção do nosso cinema.

Em 2010, o AVANCA iniciou uma competição de *trailers* de filmes, que veio a premiar uma obra portuguesa. Pela primeira vez, os trailers chegaram ao espaço dos festivais de cinema.

Aproveitando a crescente presença de diretores de festivais de cinema de vários países do mundo, que por altura do AVANCA assistem às exibições do festival, tem sido possível programar a exibição de cinema português noutros países. Estas mostras de cinema português multiplicam-se e foram acontecendo em países como o Brasil, Bélgica, Bielorrússia, Bósnia e Herzegovina, Cazaquistão, Croácia, Cuba, Espanha, França, Grécia, Guiné-Bissau, Itália, Japão, Letónia, México, São Tomé e Príncipe, Taiwan e Timor Loro Sae.

Entretanto, o festival foi estreitando parcerias com festivais da Europa (Áustria, Bulgária, Croácia, Espanha, França, Itália, Reino Unido, República Checa, Turquia e Ucrânia), África (África do Sul, Marrocos e São Tomé e Príncipe), América (Brasil, EUA e México), para além da Ásia (Japão e Taiwan).

Estando o AVANCA crente de que o “cinema” não morre num único suporte físico, a competição internacional absorveu praticamente todos os suportes conhecidos em que foi possível produzir filmes, atribuindo-lhes espaços próprios que procuraram acompanhar as grandes divisões do mercado audiovisual.

O AVANCA foi, por isso, o primeiro festival que em Portugal aceitou exibir filmes em suportes vídeo, CDROM, DVD, DV, Blue-ray e internet (*web movies*, *videoblogs*, entre outros). Em 2004, foi um dos primeiros festivais na Europa e o primeiro em Portugal a exibir filmes num telemóvel. Tratou-se da exibição da série portuguesa de animação “Histórias a Passo de Cágado”, de Artur Correia, que assim marca o AVANCA como primeiro festival de cinema a exibir produção europeia em telemóveis. Nesta procura de acompanhar a dicotomia filme|tecnologia, em 2018 o festival abriu um novo espaço competitivo para os filmes VR de 360°, uma procura abrangente que não parece ficar só pelos suportes do cinema.

A participação de Avanca no contexto internacional do cinema e dos audiovisuais parece enquadrar-se no que a organização diz ser “(...) dever de uma presença ativa que se procura não descurar dentro de um espírito independente, multiculturalista e pulverizado nas direções do desejo. No AVANCA falamos de cinema na exata medida em que o procuramos ver e o desejamos construir” (Cine Clube de Avanca, 2021).

O Festival de AVANCA, com o passar dos anos, parece afirmar-se como um dos festivais portugueses de cinema com mais participantes vindos do estrangeiro, numa preocupação de juntar autores, filmes e culturas. Segundo a organização, “[e]m 2019, o festival recebeu 322 participantes de 49 países, aos quais se deve acrescentar Portugal com todos os seus participantes” (Cine Clube de Avanca, 2021). Acrescenta-se ainda que “[e]m Avanca, estiveram profissionais dos cinco continentes, marcando indelevelmente a vocação internacional deste evento anual, participado e propulsor de novos projetos, caminhos, encontros e futuros” (Cine Clube de Avanca, 2021).

3 Dos “workshops” à produção de cinema

Desde a sua primeira edição, o Festival AVANCA recebeu todos os anos grandes nomes do cinema e do audiovisual mundial, numa intervenção em espaços formativos. No festival, orientaram “workshops” o realizador holandês Jos Stelling, o jugoslavo Dusan Makavejev, os belgas Jaco van Dormael, Jean-Jacques Andrien, Peter Brosens, Wim Vandekeybus e Jan de Coster, o macedónio Svetozar Ristovski, o iraniano Ebrahim Forouzesh, os espanhóis Xavier Villaverde, Àlex Lora, o argentino Juan Solanas, o austríaco David Haneke, o finlandês Mika Taanila, o húngaro Szabolcs Hajdu, o marroquino Ahmed Boulane, a franco-suíça Ursula Meier, os alemães Veit Helmer e Toke Constantin Hebbeln, o russo Mickail Segal, a uruguaia Beatriz Flores Silva, o estoniano Tanel Toom, o palestino Michel Khleifi e os estadunidenses Joe Davidow, Jessica Woodworth, David Jakubovic e Jeff Burr, os realizadores de animação canadianos Co Hoedeman, Pierre Hébert, o dinamarquês Jannik Hastrup, os belgas Gérald Frydman, Silvia Defrance e Picha, os alemães Andreas Hykade e Vuk Jevremovic, o estadunidense Bob Balser, os estonianos Rao Heidmets e Riho Unt, o nipo-americano Jimmy Murakami, os australianos John e Mark Lycette, o russo Konstantin Bronzit, o inglês Dane Watkins, o francês Yann Jouette e o polaco Peter Kaboth, as atrizes espanhola Assumpta Serna, alemã Hanna Schygulla, cubana Alicia Bustamante, canadiana Fiona Gordon e holandesas Sylvia Kristel e Tamar van den Dop, os atores belgas Dominique Abel, Harry Cleven, italiano Alfredo Cavazzoni e inglês Scott Cleverdon, os argumentistas francês Emmanuel Oberg, estadunidense Linda Seger e neozelandês Michael

Heath, os documentaristas russo Pavel Medvedev, argelino Malek Bensmail, alemão Jan Arnold, sérvio Goran Radovanovic, camaronesa Osvalde Lewat, lituano Romas Lileikis, suíça/belga Floriane Devigne e mexicana Alejandra Islas, os professores francês Pierre Barboza, estadunidense Dave Master, o alemão Christian Hossner e o espanhol Bienvenido León, o compositor tunisino Hamadi Bem Othman, os produtores espanhóis Pancho Casal, Enrique Nicanor e Manuel Cristobal, o estadunidense John Maass, o belga Rudolf Mestdagh, o alemão Jurgen Lossau, o holandês Ruud den Drijver os produtores multimédia espanhóis Beatriz Legerén Lago, Valentin Bros e italiano Iginio Straffi, o agente artístico francês Raphaël SaintVincent, o desenhador francês de “storyboards” Louis de Rancourt, os diretores de fotografia inglês David Johnson, espanhol Hans Burmann, lituano Rimvydas Leipus e estoniano Urmas Jõemees, o videasta francês Pascal Lievre, o especialista em efeitos especiais inglês Colin H. Arthur, os editores espanhol Tirso Nohales e italiano Roberto Schiavone, o design de som holandês Marco Vermaas, o fotógrafo alemão Jochen Dietrich, a especialista de som belga Marie-Jeanne Wyckmans, o animador estadunidense John Ramirez, o cenógrafo espanhol Felix Murcia, a especialista espanhola de direitos audiovisuais Cayetana Mulero, os *designers* multimédia noruegueses Margaretha Andreassen e Eric Wood, espanhóis Daniel Fumero e Vanessa Bocanegra.

De Portugal, orientaram “workshops” a atriz Maria d’Aires, os produtores Henrique Espírito Santo, Maria Antónia Seabra e Sérgio Fernandes, os realizadores Lauro António, Joaquim Pinto, Manuel Mozos, João Salaviza, Miguel Marques, Fernando Augusto Rocha, o fotógrafo Aníbal Lemos, o diretor de fotografia Francisco Vidinha, o diretor de som Vasco Pimentel e os realizadores de animação Francisco Lança, Mário Jorge, Sérgio Nogueira, Vítor Lopes, Carlos Silva, o crítico João Antunes, a académica Josélia Neves, o especialista em 3D Marco Neiva, entre outros.

Ocupando os dias do festival, em cada ano, os “workshops” especializados transformam-se na marca fundamental deste evento. Em grande parte, a razão residiu no facto de serem convidados nomes que o festival considerou fundamentais na construção da história contemporânea da ficção, da animação e do documentário. Os orientadores, vindos dos 5 continentes, trouxeram culturas diversas, outros modos de olhar o movimento das imagens, além de “janelas” inesperadas, alternativas, quase invisíveis.

Como refere o festival,

[d]e todos os orientadores se conhece a obra fílmica, o pensamento dado ao prelo, a dedicação exemplar à profissão. O prazer de descobrir sensibilidades únicas, opções inteligentes, riscos corajosos, empenho pessoal desmedido, são condição convicta para um convite que implica uma descoberta quase total. Os participantes do AVANCA têm a oportunidade de conhecer a obra dos seus orientadores de uma forma quase interativa, interpelando o autor sem barreiras, co-analisando com tempo e com o melhor acompanhamento. Pretende-se que a proximidade permita o melhor caminho para a descoberta. (Cine Clube de Avanca, 2021)

Sendo o AVANCA tradicionalmente um espaço de descoberta de novos talentos, tem sido também um espaço de afirmação da produção portuguesa. Como afirma o festival, “[d]escobrir, testar, criar, aprender, são dados de um jogo que anualmente colocam em Avanca um início de fim imprevisível, mas cada vez mais confiante” (Cine Clube de Avanca, 2021).

Na edição do Festival de 2003, a longa-metragem “Ruptura” de Miguel Marques, exibida a concurso, tinha sido iniciada um ano antes num dos “workshops” do AVANCA’2002. A curta-

metragem de animação 3D de Cláudio Jordão e Nelson Martins, “Conto do Vento”, nasceu num “workshop” orientado pelo realizador estadunidense Jeff Burr. Este filme é um dos filmes da animação portuguesa mais premiado de sempre (24 prémios).

Em 2012, perante o que estava a acontecer ao cinema português, no AVANCA 2012, Luís Diogo reuniu durante o festival condições para iniciar a rodagem da sua primeira longa-metragem de ficção. “Pecado fatal” chegou aos cinemas de todo o país durante o ano de 2014. Segundo o ccavanca.blogspot.com, “[i]ntegrando o TOP 10 dos filmes da Lusofonia, em 2014 esta longa-metragem de ficção foi o filme português mais premiado em festivais de cinema no estrangeiro”.

Adquirido por uma multinacional estadunidense, “Pecado fatal” tem estado em múltiplas exibições, nomeadamente em canais televisivos de cinema, legendado e dobrado em variadíssimas línguas. Tendo sido exibido na RTP2, “o filme chegou ao Youtube e transformou-se num sucesso de visualizações e comentários” (Cine Clube de Avanca, 2020b).

Em 2016, Luís Diogo filma no festival AVANCA a sua segunda longa-metragem que se viria a transformar no filme mais premiado de sempre do cinema nacional.

Estes são alguns exemplos de muitos outros que resultaram em novos filmes e autores para uma crescente cinematografia em língua portuguesa.

De um modo natural, os “workshops” do início do festival passaram, sobretudo após 2016, a ter um enquadramento mais claro de produção fílmica. Se os filmes já anteriormente referidos são marcas importantes na concretização deste objetivo, mais evidente parece ter-se tornado com o anúncio pela organização das “OFICINAS DE CRIAÇÃO FÍLMICA”, apresentadas como “Um espaço de WORKSHOPS onde se filma, onde se trocam e praticam ideias. Um espaço para terminar filmes, para fazer RESET e iniciar novos e grandes projetos!” (Cine Clube de Avanca, 2017b).

4 Uma trajetória de coprodução de filmes em língua portuguesa

Se a transfronteiralidade tem sido um paradigma do evento, também ela se elenca nas características que marcaram a necessária passagem à produção de filmes. Pelo festival AVANCA foi-se construindo uma preocupação por coproduzir, seguindo a intenção de o evento ser sempre um ponto de encontro, preocupado em reunir e juntar. Coproduzir foi assim uma via a marcar a filmografia que, nestes 25 anos de festival AVANCA, sempre esteve muito presente.

Paralelamente, dando especial atenção ao cinema português, o cinema de produção lusófona passou a ser uma trajetória natural desta crescente produção. De entre as obras elaboradas, um particular relevo teve a coprodução de documentários entre quatro países, de entre os que têm a língua portuguesa como idioma oficial. São obras cinematográficas de longa duração, onde um passado muito próximo sempre parece estar presente.

Na confluência das margens do Atlântico, estes filmes encontram na língua comum, mas também na sua diversidade natural, um primeiro e fundamental laço de proximidade. Será esta proximidade que marca cada uma destas três coproduções que, embora diferentes, muito têm em comum.

Neste contexto, seleccionámos os documentários “Sobre sonhos e liberdade” (Francisco Colombo e Marcia Paraiso, 2020), “Pretu Funguli” (Costa Valente e Monica Musoni, 2019) e “Sonho longínquo no Equador” (Hamilton Trindade, 2017).

4.1 O filme “Sobre sonhos e liberdade”

Marcia Paraiso esteve no Festival AVANCA em várias ocasiões e, neste festival, foi distinguida em 2016 com a sua longa-metragem de ficção “Lua em Sagitário”, uma coprodução entre o Brasil e a Argentina. No ano seguinte, integrou as “Oficinas de Criação Fílmica” do festival, orientando uma oficina de guião. Na mesma edição, Ralf Tambke, diretor de fotografia do filme, dirigiu uma oficina de técnicas de iluminação para cinematografia digital.

Também Francisco Colombo tem uma assinalável presença no festival AVANCA, onde várias das suas curtas-metragens foram exibidas. Tendo nomeadamente participado na organização do festival, numa das edições, Francisco Colombo foi sempre o eixo do processo de coprodução do documentário “Sobre sonhos e liberdade”.

Com autoria de guião documental de Marcia Paraiso e de realização conjunta da própria Marcia Paraiso com Francisco Colombo, o filme é uma coprodução entre Portugal e o Brasil. Pelo filme passam as marcas indeléveis da escravatura e da sua abolição no Brasil em 1888, mas também das décadas anteriores onde um histórico está repleto de conflitos e fortes tensões. Os escravos, os seus proprietários, os abolicionistas e a sociedade brasileira são referência sempre presente no filme.

A produção do documentário “Sobre sonhos e liberdade” afirma que o filme:

(...) mostra-nos na Bahia – Brasil – especialmente na região das antigas grandes propriedades açucareiras do Recôncavo Baiano, que chegou a reunir 70 mil escravos, como as experiências de escravidão se projetaram sobre o quotidiano de ex-escravos no pós-abolição, influenciando culturas, escolhas e projetos de liberdade. Como se desencadeou, de fato, todas as esperanças de negros e mestiços que emergiram da escravidão em busca de igualdade e cidadania. Um comparativo sobre os sonhos do momento da liberdade e o que se construiu e se consolidou através dos tempos. Como vivem hoje os descendentes da escravidão na Bahia e como se organiza a região que mais concentrou engenhos e trabalhadores escravos no estado. (Cine Clube de Avanca, 2020a)

Com o fim da escravatura, não se extinguíram os conceitos que mantêm uma hierarquia social e as suas políticas de controlo. Apesar de o fim da escravatura significar, para os cidadãos libertados, o começo da liberdade de trabalhar onde puderem escolher, de ter a opção religiosa que quiserem, de ter a possibilidade de terem terra ou o seu acesso, a exclusão racial começou por esta altura a delinear-se.

Este filme, como diz a produção, “propõe reforçar o que era almejado e recortar o que foi conquistado através desses 127 anos de abolição da escravatura e, de certa forma, funcionar como uma ferramenta de crítica e de discussão sobre o conceito de liberdade e os sentidos da sonhada igualdade” (Cine Clube de Avanca, 2020a).

4.2 O filme “Pretu Funguli”

Informa a produção que “Pretu Funguli é uma expressão do crioulo utilizada com um sentido discriminatório. Um termo recuperado pelo artista plástico guineense Nú Barreto, já com uma vasta produção e projeção internacional, que o transformou num conceito plástico” (Cine Clube de Avanca, 2019).

É um documentário coproduzido entre Portugal e a Guiné-Bissau, mas com filmagens também no Brasil (cidade de Vitória), Macau e Paris, onde o artista vive e trabalha. O filme é um percurso entre geografias, um processo criativo e os conflitos e as vivências do artista que tem na capital francesa o seu espaço, mas na Guiné-Bissau a força das suas origens.

Um documentário “que nasce entre as cores, os traços, os desejos e os riscos de um pintor que o não poderia ter sido” (Cine Clube de Avanca, 2019), como referem os realizadores numa nota de produção.

Nú Barreto, sendo o artista plástico da Guiné-Bissau com maior presença internacional, fruto de viagens que o levam constantemente entre pontos longínquos da terra, viaja continuamente entre os tempos dos valores e crenças da sociedade Bissau-guinese, onde nasceu e cresceu, e a itinerância física que a arte contemporânea implica.

Nascido em São Domingos, a norte da Guiné-Bissau, Nú (Manuel) Barreto trabalhou alguns anos em fotografia antes de se dedicar em pleno à pintura, onde tem marcado um percurso singular. Declara o artista que:

Ninguém é insensível ou indiferente às diferenças. Cor Pretu Funguli (funguli preto) teve as suas raízes numa fonte de sofrimento profundo e inegável, tornou-se intransitável diária, infeliz invisível. A pobreza e a miséria são decisivas e fatal no nascimento desta fina e transparente cor plena de injustiças e sofrimento. (Cine Clube de Avanca, 2019)

Uma cor que passou do orgânico para a tela. Funkula, de origem Mandinga, foi adaptada para crioulo passando a Funguli. Descreve o estado da pele, uma pele esbranquiçada, seca e desidratada mas que esconde um outro sentido, um outro significado no crioulo – a distinção de classes: é pobre, não tem meios, não tem qualidade, serve para rebaixar alguém de uma condição inferior, em contraposição a “Guitons” (alta sociedade) – “Um pigmento cheio de sentido, cheio de razões para existir mas sobretudo para combater” (Cine Clube de Avanca, 2019), diz Nú Barreto.

Como se pode priorizar as artes plásticas num país onde a principal preocupação é a subsistência, a dignidade e o direito à vida? Um filme pleno de interrogações que aproxima a Guiné-Bissau e Portugal num contexto onde a arte reflete e bebe da vida.

Tendo sido uma aposta clara de Monica Musoni, este filme por si planeado e sempre reescrito, teve uma realização conjunta e uma extensa participação de personalidades da arte que marcam proximidades e distâncias entre a África e a Europa. Um filme onde outras línguas surgem, nomeadamente o crioulo, mas onde a língua portuguesa está continuamente presente, sobretudo enquanto mãe da construção do puzzle emocional do pintor.

O filme é uma coprodução entre Portugal, Guiné-Bissau e a Bélgica.

4.3 O filme “Sonho longínquo no Equador”

Hamilton Trindade é um jovem santomense que deixou a sua ilha para estudar em Portugal. Iniciou-se numa escola agrícola onde os segredos da natureza o aproximavam da sua luxuriante terra natal. Mas o ensino superior chegou com as novas tecnologias, a comunicação e, surpreendentemente, novos projetos.

Primeiro foi um canal *web* de televisão. Procurava por ali estabelecer uma ponte entre o país onde agora vive e a sua terra onde ficaram familiares, amigos, memórias e sobretudo afetos.

No seu canal, passou a poesia de São Tomé e Príncipe (STP), entre a cultura, as notícias, as personalidades e o que de STP quis abordar.

Depois veio o cinema. Em STP, primeiro exibiu a itinerância da primeira longa-metragem do cinema de animação português “Até ao Tecto do Mundo”, depois iniciou a rodagem e a realização deste filme “Sonho longínquo no Equador”.

Pelo meio, um novo projeto, a concretização do primeiro festival de cinema do seu país. Nascido “São Tomé Festfilm”, este evento levou às ilhas o cinema de todo o mundo. Construído numa parceria nascida no Festival AVANCA, este evento teve já quatro edições e numa delas foi possível exibir o filme “Sonho longínquo no Equador”.

Desta obra documental, de coprodução lusófona, participam jovens intervenientes das duas ilhas de STP, cujos nomes aqui registamos: Jucilene Oliveira, Idkger Cosme, Jorcelina Correia, Marcelo Boa Esperança, Eginio Santiago e Demostenes Cravide.

Segundo a produção:

Em São Tomé e Príncipe, jovens com vivências socialmente diferentes têm um sonho em comum: estudar, conseguir concluir os estudos e arranjar um emprego. Mas cada um deles, devido ao seu contexto social, enfrentou dificuldades para atingir os seus objetivos e sonhos de vida. Ao conhecer as suas dificuldades, procura-se perceber como encaram o futuro a cada dia que passa. Afinal, os sonhos são para se cumprir... (Cine Clube de Avanca, 2017a)

Um documentário geracional, de anseios, mas também de afirmação.

4.4 Os três documentários

Em comum, todos os três documentários passaram pelo Festival de Cinema AVANCA enquanto projeto em desenvolvimento e voltaram a ele para a sua estreia no grande ecrã.

Desenvolvidos em etapas diversas, cujos realizadores foram participantes das “Oficinas de Criação Fílmica”, estas obras tiveram na ferramenta estruturante e aglutinadora “coprodução” a forma de concretização escolhida.

Faladas em língua portuguesa, algumas vezes a introdução de uma língua estrangeira justificou a utilização de legendas para a perceção do todo da obra, algo que complexifica o universo linguístico destas narrativas e que decorre da componente multicultural que os intervenientes partilham parcialmente com culturas não lusófonas ou mistas.

Por outro lado, a dinâmica de divulgação de cada um destes filmes obrigou ainda à materialização de outras versões em línguas estrangeiras, sempre a partir da versão inicial em língua portuguesa (som e créditos originais e eventuais legendas em português). O processo de internacionalização tem, assim, um ponto de partida em língua portuguesa e uma perspetiva lusófona sobre o mundo e o pensamento. Esta fase de tradução audiovisual é aliás coordenada pelo Cine-Clube de Avanca, que também assegura a divulgação dos filmes junto de outros países e culturas.

Por fim, saliente-se que as dimensões sociais, políticas e culturais são abordagem comum, mas também muito diferenciada em cada um dos documentários. Entre todos, um espaço “multi” parece existir entre todas as interrogações, posicionamentos e diversidade contextual, apesar da língua em comum. Estamos assim num espaço-tempo que, apesar de encontro, está longe da ideia de linguagem universal/comum do cinema, a que alguns autores se referiram outrora como um esperanto visual (e.g. Brant, 1984 cit. Gottlieb, 2008; Detwieler, 2007).

5 Considerações finais

Três documentários, exibidos e fortemente alicerçados no Festival de Cinema AVANCA, são estudo de caso para perceber o encontro de mundos neste festival com 25 anos de historial.

Uma abordagem ao seu contexto, estrutura e linhas diretoras que passam por uma intencionalidade de se construir como ponto de encontro e espaço de confluência do cinema, dos seus autores, obras e projetos.

Dez dias num ano que não se bastam por si enquanto encontro. Ao promoverem projetos, reunindo vontades e dispor de possibilidades, o AVANCA mostra-se como participante nos mundos que cada novo projeto e novo filme parece gerar.

Nos três documentários, de cada um dos mundos ficam reflexos comuns que se repartem pelo festival, mas também pela abrangência da língua portuguesa.

Um mundo que encontra no cinema uma expressão portuguesa, pela língua, mas também pela unidade diversa e multicultural.

Agradecimento

Os autores agradecem a cedência de documentação e a disponibilidade da organização do AVANCA, Encontros Internacionais de Cinema, Televisão Vídeo e Multimédia.

Referências

- Cine Clube de Avanca. (2017a). *Dossier filme “Sonho longínquo no Equador”*. Avanca: Cine Clube de Avanca.
- Cine Clube de Avanca. (2017b). *Oficinas de criação fílmica | creative film workshops 2017*. Acedido em 04-10-2021. Disponível em: <https://avanca.com/?q=pt/node/336>
- Cine Clube de Avanca. (2019). *Dossier filme “Pretu Funguli”*. Avanca: Cine Clube de Avanca.
- Cine Clube de Avanca. (2020a). *Dossier filme “Sobre sonhos e liberdade”*. Avanca: Cine Clube de Avanca.
- Cine Clube de Avanca. (2020b). *Filme “Pecado fatal” supera as 3 milhões de visualizações*. Acedido em 04-10-2021. Disponível em: <https://ccavanca.blogspot.com/2020/04/filme-pecado-fatal-supera-as-3-milhoes.html>
- Cine Clube de Avanca. (2021). *Dossier 25º Festival de cinema AVANCA*. Avanca: Cine Clube de Avanca.
- Detwiel, C. (2007). Seeing and believing: Film theory as a window into a visual faith. In Johnston, R. (Ed.), *Reframing Theology and Film: New Focus for an Emerging Discipline* (pp. 29-50). Michigan: Baker Academy.
- Gottlieb, H. (2008). Screen Translation. In Schjoldager, A., Gottlieb, H., & Klitgard, I. (Ed.), *Understanding Translation* (pp. 205-245). Dinamarca: Académica.
- Martins, A., Valente, A., Ribeiro, J. & Viana, C. (2017). Confluências entre realização cinematográfica, educação e investigação: os casos da Ao Norte e Avanca, em Portugal. In F. Miranda, G. Vicci & M. Ardanche (Orgs.), *Atas de I Seminario Internacional de Investigación en Arte y Cultura Visual* (pp. 848-854). Uruguai: [s.n.]. ISBN: 978-9974-0-1546-3